

## **Apêndice F-2**

# **Relatório**

---

**I SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENFOQUES FEMINISTAS E O SÉCULO XXI:  
FEMINISMO E UNIVERSIDADE NA AMÉRICA LATINA**

**Salvador, 06 a 09 de dezembro de 2005.**

**Thais Fernanda Leite Madeira  
UFSCar**

**Dezembro/2005**

## SUMÁRIO

|                                                                |    |
|----------------------------------------------------------------|----|
| 1. Introdução .....                                            | 3  |
| 2. Relatório sobre participação no evento.....                 | 3  |
| 3. Contribuição específico dado no nome do Projeto PPAgua..... | 5  |
| 4. Encaminhamentos indicados .....                             | 6  |
| Anexo 1- Artigo.....                                           | 7  |
| Anexo 2 - Programação do Seminário resumida.....               | 26 |

## 1. Introdução

A criação de centros, programas e grupos de pesquisas no campo de estudos sobre mulheres, gênero e feminismo nas universidades e outras instituições de ensino e pesquisa, tem possibilitado o surgimento de diferentes iniciativas de articulação, integração e intercâmbio de informações. Nesse sentido, o I SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENFOQUES FEMINISTAS E O SÉCULO XXI: FEMINISMO E UNIVERSIDADE NA AMÉRICA LATINA propiciou a participante um espaço privilegiado de divulgação da produção intelectual (teórica e de pesquisa) de seu trabalho intitulado: *“Da casa ao rio: um estudo sobre as relações de gênero e meio ambiente entre os pescadores do alto-médio rio São Francisco”*, (anexo 1) no Grupo de Trabalho Gênero e Meio Ambiente, assim como a disseminação do projeto “Peixe, Pessoas e Água” e a preocupação dos parceiros envolvidos no projeto com a problemática da categoria gênero dentro do projeto PPA. Além disso, propiciou a participante a articulação com grupos de pesquisas e de diferenciados níveis de intercâmbio entre estudiosos, professores, ativistas da causa feminista oriundas/os da sociedade civil organizada e dos governos e pesquisadas (es) em geral.

## 2. Relatório sobre participação no evento

Este evento foi realizado conjuntamente com o: VII Encuentro de Centros y Programas de Estudios de La Mujer Y de Género en Instituciones de Educación Superior de Americana Latina Y El Caribe; XII Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos sobre a mulher e relações de gênero - REDOR; V Encontro da Rede Brasileira de Estudos e pesquisas Feministas- REDEFEM; e o XI Simpósio Baiano de pesquisadoras(es) sobre mulher e relações de gênero- NEIM.

As durações desses eventos foram de quatro dias, com a abertura solene à noite do dia 05 de dezembro. Para os demais dias, foram realizadas mesas redondas (três por dia), em torno da temática específica do evento, além de sessões científicas - Grupos Temáticos - para a apresentação de trabalhos, que tratou de questões diversas no campo dos estudos

sobre mulheres e relações de gênero. Na perspectiva de constituir esse evento em um espaço democrático de discussão e aprofundamento teórico, as mesas foram constituídas em torno a temáticas articuladas a partir da apresentação de propostas por parte das participantes. A agenda e programação completa do evento podem ser encontradas anexadas a esse relatório (anexo 2).

As mesas redondas contaram com as seguintes temáticas:

- Publicações feministas na academia
- Contribuições do feminismo para o mundo do trabalho
- Os Programas de Pós-graduação na América Latina
- Desafios da institucionalização dos estudos feministas
- Contribuições do feminismo para o enfrentamento da violência
- Gênero e diversidade: os desafios para o feminismo
- Feminismo e Foucault

Os trabalhos inscritos foram distribuídos nos Grupos Temáticos, abaixo listados:

GT 01 - Teoria e epistemologia Feminista

GT 02 - Gênero, Relações de Trabalho

GT 03 - Estudos feministas, Teologia e Religiosidade

GT 04 - Filosofia e Estudos feministas

GT 05 - Gênero e Saúde

GT 06 - Direitos Reprodutivos e Bioética

GT 07 - Gênero, Literatura e Linguagem

GT 08 - Gênero, Identidade e Cultura

GT 09 - Feminismo e Políticas Públicas

GT 10 - Gênero e Educação

GT 11 - Gênero, Classe e Relações Raciais

GT 12 - Estudos feministas e violência

GT 13 - Feminismo e Política

GT 14 - Gênero e Envelhecimento

GT 15 - Gênero e Meio Ambiente

GT 16 – Gênero, Artes e Cultura Popular

GT 17 – Gênero e Gerações

- Dados quantitativos e qualificativos, se possível anexar lista de contatos/participantes ou avaliações feitos por participantes sobre a atividade.
- Caracterização de participação e participantes, inclusive dados sobre gênero e idade (e.g. jovens, adultos, idosos.)
- Majoritariamente mulheres entre 40- 60 anos (80%) pesquisadoras de Universidades e Centros de Pesquisas de todas as regiões brasileiras (norte, nordeste, centro-oeste, sul e sudeste) e de alguns países da América Latina.
- 8 representantes homens, principalmente, do Instituto Papai e jovens pesquisadores da UFBA.
- As demais mulheres eram jovens pesquisadoras, majoritariamente da região Norte e Nordeste, 5 pesquisadoras das universidades e centros de pesquisa dos países da América Latina, 1 pesquisadora representando os Estados Unidos.

### **3. Contribuição específico dado no nome do Projeto PPAgua**

Os estudos da mulher e das relações de gênero nas universidades têm se convertido em espaços para o fortalecimento de um instrumento teórico e de transformação social que *contem e compreende a experiência Humana*. Acredito que refletir sobre tais questões nesse momento ganha especial relevância, vez que, em anos recentes, o feminismo acadêmico vem se tornando objeto de calorosos debates na Europa e Estados Unidos, sofrendo críticas tanto da “direita”, quanto de correntes mais radicais do próprio pensamento feminista. Curiosamente, porém, ao mesmo tempo em que a crítica conservadora e anti-feminista acusa o feminismo acadêmico de não ser nem acadêmico nem o suficientemente “científico”, as correntes radicais argumentam que a institucionalização do feminismo na academia vem contribuindo não somente para um crescente distanciamento entre feministas acadêmicas e ativistas, como também para um processo de “disciplinamento” do feminismo, segundo os moldes acadêmicos tradicionais (patriarcais). Sem dúvida, a preocupação maior nesses questionamentos é

tornar a teoria feminista – e o feminismo acadêmico como um todo – mais relevante para mulheres de todas profissões, raças e orientações sexual, conjugando, mais harmoniosamente, os esforços do teorizar feminista com os do ativismo político e social. Por outro lado, é inegável que a criação de Núcleos, Centros e Programas Universitários de estudos feministas e relações de gênero tem possibilitado não só o desenvolvimento teórico como o reconhecimento institucional dessa área do conhecimento.

A proliferação de centros, programas e grupos de pesquisas na área dos estudos da mulher, do feminismo e das relações de gênero nas universidades e outras instituições de ensino e pesquisa, tem possibilitado o surgimento de diferentes iniciativas de articulação, integração e intercâmbio de informações.

- O que ficou especialmente significativa em relação do Projeto PPAgua ou os seus parceiros?
- Visibilidade do Projeto e seus parceiros e preocupação com a temática de gênero, uma vez que a única pesquisadora jovem representando a região sudeste em nome da UFSCar e do PPA
- O que ficou especialmente significativa para você pessoalmente? Criou alguma mudança no entendimento, conhecimento, habilidades, opinião, etc.? Como?

Fortalecimento e capacitação do conceito e problemáticas de gênero;

Entendimento político das discussões acerca da categoria gênero;

- Existem diversos projetos que trabalham significativamente na área de gênero. O PPA ainda está no começo, mas acredito que podemos colocar a questão não mais como um tema transversal, mas como um dos temas principais a ser trabalhado dentro do projeto.

#### **4. Encaminhamentos indicados**

- Trabalho efetivo com a questão de gênero
- Articulação com os movimentos sociais, organizações-não governamentais e projetos que contemplam a categoria gênero para troca de experiências;

# **ANEXO 1: Artigo**

## **DA CASA AO RIO:**

### **Um estudo sobre as relações de gênero e meio ambiente entre os pescadores do alto-médio Rio São Francisco**

Thais Fernanda Leite Madeira<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho complementa e integra o projeto bilateral entre o Brasil e o Canadá denominado “A Pesca Continental no Brasil: Modo de vida e conservação sustentável”. Esse trabalho se propõe fazer um estudo sobre gênero e meio ambiente no rio. De um lado tem-se um ambiente em risco - o rio que morre. De outro, um grupo de famílias de pescadores que se organizam para sobreviver a partir dos recursos desse meio. Nessa organização, diferenciam-se os papéis do homem e da mulher. As relações entre homens e mulheres no rio, sugerem que o conceito de gênero associado ao de meio ambiente podem permitir um importante avanço na compreensão das condições de vida da população envolvida. É dentro da perspectiva, que este artigo se pauta, tentando a partir do levantamento sócio-econômico dessa população e suas estratégias de sobrevivência, práticas laborais e a representação de meio ambiente, compreender as relações de gênero e as visões de meio ambiente que se estabelecem no seio das comunidades de pescadores (as) do Rio São Francisco. A amostra da pesquisa compreende homens e mulheres pescadores de diferentes gerações que habitam ao longo do trecho mineiro do alto-médio Rio São Francisco. Utiliza-se como processo metodológico a memória, pois ela configura-se um dos caminhos possíveis para a descoberta os processos de desenraizamento social e cultural e, por conseguinte, para a redefinição dos projetos que articulam o passado, presente e futuro. As imagens

---

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos. thaism@iris.ufscar.br

fotográficas também são utilizadas como recurso metodológico, pois contextualizam o problema e ampliam o olhar do pesquisador.

Palavras-chaves: gênero, meio ambiente, Rio São Francisco

## O Projeto e seu contexto

O Rio São Francisco banha 5 estados: Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, mas sua Bacia alcança também Goiás e o Distrito Federal. A Bacia do rio abrange 504 de municípios, ou 9% do total de municípios do país. Desse total, 48,2% estão na Bahia, 36,8% em Minas Gerais, 10,9% em Pernambuco, 2,2% em Alagoas, 1,2% em Sergipe, 0,5% em Goiás e 0,2% no Distrito Federal. Cerca de 13 milhões de pessoas, segundo o Censo realizado em 2000 habitam a área da Bacia do São Francisco. Só no Estado de Minas Gerais são mil cento e trinta quilômetros do São Francisco.

Desde há muito a região do São Francisco absorve uma série de recursos e providências que visavam implementar o rio e melhorar a qualidade de vida e renda das populações. Atualmente, as discussões estão pautadas sobre a questão da transposição de águas do São Francisco para o setor norte do Nordeste. No entanto, a exploração dos recursos hídricos, minerais, vegetais e humanos de toda a bacia do Rio São Francisco, durante décadas, trouxe danos, alguns irreparáveis, a toda a região. Assoreamento, desmatamento, erosão e poluição são problemas enfrentados pela população do vale há anos, e o tipo de impacto ambiental está diretamente ligado à atividade econômica desenvolvida em cada região.

A construção de grandes hidrelétricas e a implantação de programas para estimular a modernização da agricultura, principalmente com tecnologias de irrigação e aproveitamento de água, foram os eixos que sustentaram as ações do governo militar no Nordeste e Sudeste (Minas Gerais) nos anos 70. Na mesma época, o garimpo, a exploração da madeira, os incentivos à pecuária e os programas de colonização abriam novas fronteiras no Norte do país, que se ampliaram ainda mais nos anos 80, com a implantação dos grandes projetos de mineração e hidrelétricas. Com isso, os rearranjos produtivos possibilitados por essas tecnologias geraram um significativo impacto nos meios de produção, abalando as estruturas sociais, ambientais e econômicas envolvidas

no setor agrícola. A exemplo do processo de rearranjo produtivo, verificamos a expansão da fruticultura na região do Vale do São Francisco possibilitada pelos projetos de irrigação, que teve como consequência a criação de um grande número de postos de trabalho, com alto crescimento de empregos para mulheres. Durante certo tempo, elas conquistaram um grau de organização e qualificação que propiciou uma maior visibilidade do trabalho feminino e a efetivação dos direitos trabalhistas. Porém, na década de 90, visando a exportação, os produtores buscaram atender as exigências dos compradores ao implementar programas de qualidade total e ao mecanizar as atividades pós-colheita de seleção, como também no empacotamento de frutas. Essas mudanças acarretaram perda de empregos, em especial de postos de trabalho feminino, dado o maior custo deste em relação ao trabalho masculino - pois inclui direito como a licença maternidade.

Neste contexto, o pescador tem sido reconhecido como um lavrador que perdeu o acesso a terra (Pertrere, 1990). Sem o domínio de habilidades para inserir-se na cidade, ou sem espaço para poder inserir-se no mercado de trabalho, o pescador recorre à pesca como o único recurso para a garantia de sobrevivência da família. Assim, tanto o atraso quanto o avanço das práticas agrícolas formaram o conjunto das circunstâncias que, nas últimas três ou quatro décadas, trouxe famílias de trabalhadores agrícolas nordestinos para o Norte de Minas Gerais, as quais foram se instalando seguindo o curso do rio São Francisco, ou seja, de Januária para Pirapora, de Pirapora para Três Marias. Esse conjunto de circunstâncias transformou os descendentes dos trabalhadores agrícolas em trabalhadores da pesca (Valêncio, 2001).

Conseqüentemente, a pesca profissional, praticada em bases artesanais (uso de materiais como tarrafa e rede), tornou-se das atividades mais tradicionais de trabalho no rio São Francisco, havendo milhares de famílias ribeirinhas que se dedicam a essa ocupação há mais de uma geração. No entanto, essa atividade encontra-se em vias de desaparecimento, não porque não haja quem se dedique à mesma, mas por fatores ambientais, político-institucionais intervenientes, entre outros, os quais vêm colocando os trabalhadores da pesca e sua família em processo acelerado de pauperização e exclusão social.

A atividade pesqueira, tanto na escala artesanal quanto industrial, é tida como prática exclusivamente masculina. Primordialmente e ao longo do desenvolvimento da atividade,

o "papel de pescador" é logo associado à figura do homem, tendo em vista os "perigos" oferecidos pela profissão: longos períodos de permanência no mar; necessidade de habilidades como força e resistência física; condições precárias das embarcações, etc. Nas comunidades que vivem da pesca, diz-se que cabe à mulher as atividades de processamento ou venda do pescado. Embora essas situações sejam realmente observadas, a mulher tem participação ativa em todos os processos. A mulher não é apenas dona de casa, educadora dos filhos e coletora, mas também participa de várias fases da pesca: da captura a venda. Essa é uma estratégia de sobrevivência que está enquadrada nos pressupostos em que obter o alimento e mantê-lo no núcleo familiar é uma forma de concentrar o recurso

De um lado tem-se um ambiente em risco - o rio que morre. De outro, um grupo de famílias de pescadores que se organizam para sobreviver a partir dos recursos desse meio ambiente.

Nessa organização, diferenciam-se os papéis do homem e da mulher. Pergunta-se, portanto, se essa diferenciação reproduz-se nas relações com o meio ambiente. Este projeto tem como objeto principal responder a essa pergunta. Como objetivos específicos, procuram-se: a) analisar como os pescadores, distintos por gênero, se relaciona com o meio ambiente; b) analisar o papel que as mulheres desempenham enquanto presença feminina na pesca.

A amostra da pesquisa compreende os pescadores (as) do alto e médio rio São Francisco<sup>2</sup>, tendo como espaço empírico as cidades de Três Marias, São Gonçalo do Abaeté, Pirapora, Ibiaí e Várzea da Palma, localizadas no norte do Estado de Minas Gerais. A memória é utilizada para estudar o processo de degradação do meio ambiente, tendo como foco o Rio São Francisco, e seu impacto na vida dos pescadores, na tentativa de recuperar, através do passado individual e coletivo presente, a lembrança dos pescadores do alto e médio rio São Francisco. Concordando com a análise de Silva (2002), a memória como metodologia de análise justifica-se, pois ela configura-se como um dos caminhos

---

<sup>2</sup> É importante esclarecer que, neste artigo, o topônimo Alto São Francisco indica a área ribeirinha compreendida entre as nascentes e a cachoeira de Pirapora, incluídos os seus afluentes; o Médio São Francisco compreende a região intermediária banhada pelo rio, de Pirapora (MG) a Juazeiro (BA), acrescentando-se também os tributários; e o Baixo São Francisco, a área ribeirinha de Juazeiro até a foz, com seus afluentes.

possíveis para a redescoberta dos processos de desenraizamento social e cultural e, por conseguinte, para a redefinição dos projetos que articulam o passado, presente e futuro. A utilização de imagens fotográficas também é utilizada como recurso metodológico, pois contextualizam o problema e ampliam o olhar do pesquisador. Especificamente quanto à utilização e análise do material fotográfico, segundo Koury (1999) entende-se que a utilização da fotografia em trabalhos das Ciências Sociais coloca-a definitivamente como um instrumento de reflexão e de compreensão da realidade social e não mais como apenas um auxiliar de leitura da mesma realidade.

Cabe ressaltar que, sensível a essa realidade mostrada acima, o projeto bilateral entre o Brasil e o Canadá denominado “A Pesca Continental no Brasil: Modo de vida e conservação sustentável”<sup>3</sup> no qual essa pesquisa está inserida, objetiva-se, dentre outras coisas, desenvolverem estudos que permitam a formulação de ações de intervenção, que tenham como centro de interesse questões de gênero e de cor, assim como melhorar a conservação e a sustentabilidade dos recursos pesqueiros e dos modos de vida que dependem deles, fortalecendo a organização social das comunidades ribeirinhas, pois se acredita que, em muitos casos, é através da participação do usuário e o conhecimento local na administração dos recursos que se dá a sustentabilidade do uso desses recursos.

### **Vozes e imagens do Rio São Francisco**

Ao longo das últimas décadas, temos encontrado várias formas de articular essa relação entre gênero e meio ambiente. Segundo Sawyer é muito recente a abordagem da temática, uma vez que as primeiras iniciativas foram marcadas por profundas resistências, tanto pela esquerda, que considerava a abordagem de gênero uma fuga de sua questão central, a luta de classes; quanto pelo movimento feminista, que entendia o ambientalismo com um disfarce para a política do controle da natalidade, muito embora

---

<sup>3</sup> Este projeto é financiado pela Canadian International Development Agency (CIDA) e International Development Research Centre (IDRC) e tem como parceiros: a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e as ONGs: World Fisheries Trust (WFT) e o Instituto Amazônico de Manejo Sustentável dos Recursos Ambientais (IARA).

tenha proposto o “Planeta Fêmea” e o Ecofeminismo<sup>4</sup> na Conferência Rio 92. Ainda que tardia, é crescente a integração temática entre gênero e meio ambiente, de acordo com Sawyer: da abordagem independente dos temas, chega-se hoje à sua integração temática, com os conceitos correlatos de equidade e sustentabilidade.

Fazendo uma retrospectiva histórica dos dois conceitos, Sawyer aponta que enquanto, o termo feminismo evoluiu para a abordagem da mulher e desta para o conceito de gênero, no ambientalismo, meio ambiente passou a adotar a visão sistêmica. Ambos, porém, em movimentos isolados. Segundo o autor, é o conceito de gênero, com sua perspectiva de incorporação das relações entre homens e mulheres, que pode facilitar a aproximação com a discussão sobre meio ambiente.

Em algumas pesquisas essas relações evidenciam-se, como por exemplo, nos trabalhos de Lago (1983) e Welter (1999) foi ressaltado que os afazeres domésticos não eram considerados trabalho pelos sujeitos e, muitas vezes, quando se pergunta a uma mulher se ela trabalha, ela geralmente diz que não, que só cuida da casa, ou diz que só ajuda. Dificilmente coloca os serviços que realiza na roça ou na mata como um trabalho. Os informantes consideram trabalho, em geral, as atividades que geram renda.

Wortamnn (1996) e Wolff (1999 e 1998) ressaltam que, nos seringais do Acre, o trabalho se divide em dois campos: a mata, lugar tipicamente masculino, a casa e seus arredores, lugar tipicamente feminino. Franco (1997) enfatiza, no entanto, que há uma mobilidade muito grande na execução das tarefas do dia-a-dia, principalmente quando a família é composta por um número maior de mulheres. A Na Ilha de Santa Catarina, por exemplo, não é comum a mulher pescar, como pode se observar nos trabalhos de Lago (1983, 1996), Maluf (1993) e Rial (1988), onde a pescaria aparece como atividade tipicamente masculina. Os estudos realizados na região Amazônica apontam a participação da mulher tanto na caça como na pesca, sendo que as técnicas usadas são diferentes. Homens geralmente caçam animais de grande porte com armas de fogo,

---

<sup>4</sup>Existem diversas tendências e debates à respeito do Ecofeminismo: de um lado, afirmam a diversidade feminina e propõem uma abordagem específica para a crise ambiental, destacando a conexão especial das mulheres com a natureza, e, de outro, criticam a referência a essa conexão como um possível reforço à exclusão das mulheres da cultura, um perigo para as conquistas feministas, ao mesmo tempo que propõem a igualdade entre os gêneros.

pescam com arcos e flechas, arpões e caniços; mulheres utilizam na pescaria apenas caniços e, com raras exceções, usam flechas.

Esta pesquisa encontrou muitos pontos semelhantes com os trabalhos citados. Tanto o trabalho quanto o espaço, representados como sendo de homem e de mulher, possuem diferentes significados e valores, sendo que esses valores foram atribuídos a esses espaços em função do ator que nele se insere e não por qualidades intrínsecas ao espaço. Considera-se o espaço doméstico - a casa - como o território feminino, onde a mulher desempenha a função atribuída de reproduzir e educar os filhos, naturalizando-a. Essas funções reprodutivas realizadas pela mulher não são consideradas como um trabalho. Logo, o homem desempenha o papel masculino de prover a família e por isso é o “chefe da família”. Sua responsabilidade está no espaço público e no da produção - o rio.

No entanto, a participação da mulher no espaço público- o rio - é restrito e diferenciado através dos materiais e técnicas utilizadas no trabalho da pesca;

*(...) eu ajudava ele a remar e ele ia tarrafear pra pegar isca e iscar o anzol (...) não filha, eu só sei pescar de anzol, de linhada(...) tarrafear é pra homem porque é pesado, tem que ter força nos braços(..) mergulhar? Deus me livre, eu morro de medo mas meu marido mergulha (...) mas hoje ele está doente e não pesca mais não(...)então eu corro atrás da minha pescadinha, movimento meus peixinhos e fico no rio até 7 horas, 8 horas porque eu tenho medo de voltar no escuro pra casa. Às vezes aparece um pescador de tarrafa, de rede e aí eu fico tranqüila, mas é muito triste não ter ninguém pra conversar, aí eu me pego com Deus, agradeço a Ele pelos peixinho que me deu e vou embora”. (Conceição, 82 anos, pescadora )*

*“ O trabalho delas tem que ser mais manerado porque elas não agüenta que nem a gente, por exemplo, se a gente joga um tarrafão, arrasta e ele engancha, então é nós que tem que pular lá no rio pra soltar, elas não fazem isso. Se eu vou pescar com uma rede pesada, eu agüento puxar, mas ela não, ela tem que pescar com uma rede mais maneira. O trabalho é o mesmo, só que mais leve”.(José, 61 anos, pescador profissional)*

*“A pesca é tudo igual porque tudo o que eles faz a gente faz também. Só o que a gente não faz é mergulhar..se é pra ir lá no fundo, mergulhar lá em baixo pra desenganchar a rede eu*

*não vou não...eu sei nadar, remar, sei tecer rede, jogar tarrafa, sei fazer tudo, mas pra ir lá no fundo eu não vou não porque eu tenho medo”.* (Leonice, 21 anos, pescadora profissional)

As diferenciações dos espaços também foram encontradas, ou seja, a mulher na casa e o homem ao rio e à roça. Entretanto, o fato da mulher estar ligada a casa não a impede de participar do rio e, embora algumas considerem esta atividade como ajuda, outras referem-se a esses serviços como um trabalho seu.

*“Eu ia pro rio com meu pai quando eu era pequena, mas depois que eu vim morar com meu marido é que eu fui viver da pesca mesmo. Eu vim morar com ele com 15 anos, mas eu aprendi a pescar mesmo foi com meu marido. (...) Como eu não podia trabalhar em nenhum projeto por causa do veneno e não tinha outra coisa pra eu fazer pra ajudar em casa, ele me chamou pra ser parceira na pescaria, então nos dois juntos não precisa dividir o dinheiro do peixe, fica tudo pra nós”.* (Cristiane, 29 anos, pescadora profissional)

O trabalho doméstico é entendido como um ciclo que a cada dia se repete. No entanto, as tarefas diárias da casa não são reconhecidas como trabalho e somente são notadas como importantes quando não são feitas. Isso explica o gosto demonstrado pelas mulheres pelo trabalho da pesca. A atividade realizada no rio e em contato com a natureza não se repete nas mesmas condições, sendo que ela tem satisfação em realizá-la.

*“É um trabalho que a gente pejeja, tomba o barco... é difícil a gente passa muita coisa...em casa é difícil demais e no rio também, mas a gente tem que agüentar. O meu lazer é mexer com as minhas plantinhas e ir pro rio. Eu sentei aqui pra conversar com o cê, mas eu não sento não, eu não paro não, mas as seis horas da tarde eu já estou deitada. Pra outro lugar eu não vou não é só da casa pro rio e do rio eu volto pra cá, eu já acostumei já. (...) Nossa Senhora eu tô feliz demais com essa vida, com saúde, vou falar pro cê: eu não sou sentida com nada, sou feliz assim”.* (Domingas, 48 anos, pescadora profissional)

*“Eu vou no rio, pesco, limpo o peixe, lavo, limpo a casa e vou vender os peixes. A gente pesca de rede, de tarrafa, de anzol, qualquer coisa e o que me mandarem fazer no rio eu faço, eu jogo tarrafa, pesco de rede, qualquer tipo de pescaria porque é uma*

*coisa que eu gosto demais e acho que não largo mais não, vou ficar pescando até Deus levar a gente” (Neuza, 44 anos, pescadora profissional)*

Mesmo admitindo que articular entre os afazeres domésticos e o trabalho com a pesca exige mais esforços devido a duplicidade da jornada de trabalho, elas se sentem realizadas profissionalmente, porém dificilmente recebem o reconhecimento de sua produtividade.

*“(...) enquanto ele estava no rio, eu fazia o serviço de casa, tomava conta da menina e a noite eu ficava em casa tecendo rede e ele lá pescando (...) quando ele voltava pra casa a rede já estava pronta e ele voltava de novo para o rio e eu sempre fiquei adiantando o material. (...) Mas foi só o tempo de dar o leite que eu voltava para o rio com ele” (Maria do Socorro, 42 anos, pescadora profissional)*

*“(...) A mulher sofre mais que o homem por causa da friagem e quando chega em casa ela tem que cuidar dos meninos, de lavar roupa, fazer comida e o homem não ele chega da pesca e pronto não faz mais nada. (...)A gente tem 11 filhos e 11 netos e quando vem tudo pra cá é um sufoco, mas a gente criou tudo eles com a pesca, nunca passaram fome...sim eu criei 11 filhos só da pesca... Eu deixava os pequenos uns com outros e ia pro rio..a vida é assim, a gente deixava os meninos só e saía pra pescar, mas eles são comportado demais (...) o mais velho tomava conta do mais novo e aí eu chegava dava banho, dava o que comer, mas eu não achei difícil não criar um tanto desse de filho e graças a Deus estão todos bens”.*  
(Domingas, 48 anos, pescadora profissional)

A elasticidade do trabalho da mulher, percebido por Pacheco (1998) citado em também por De Grandi (1999), permite a ela realizar quase todo tipo de atividade na propriedade, ao contrário do homem que não realiza os trabalhos identificados como femininos.

A participação nos trabalhos de casa e do rio foi freqüente na fala dos homens, porém, quando se referem à aprendizagem desses serviços surge uma diferença: os serviços da roça e o da pesca, foram aprendidos com o pai os serviços do lar foram ensinados pela mãe, permanecendo a oposição entre o dentro e o fora

*“ Eu aprendi a pescar desde pequeno com meu pai(...)ele me levava pra pescar e andar com ele(...)então ele me ensinou a remar, a mergulhar,a nadar..tudo isso eu aprendi com ele” (João, 35 anos, pescador profissional)*

*“ Eu tinha 15 anos quando eu comecei a pescar, foi meu pai que me ensinou a pescar porque não tinha menino homem, então eu tive que ir pro rio com ele e aí eu aprendi e com isso eu viciiei e continuo pescando. (..)eu era a mais velha e as outras ficavam em casa ajudando com o serviço. Ele me ensinou a pescar de anzol, de rede, de tarrafa” (Anita, 42 anos, pescadora profissional)*

No entanto, encontramos muitas mulheres que ingressaram na atividade da pesca através dos seus esposos.

*“Eu aprendi a pescar com um rapaz que eu morava com ele (...) ele era pescador e a gente pescava juntos porque não existia esse negócio de lei, de fiscalização e a gente pescava sem problema na vida(...)então eu fui pescando e uma bela vez eu não tava mais dando bem com ele então vim embora pra cá e amiguei com uma rapaz que mexia com esse negócio de pescaria também. Então fui com ele para o rio e eu ajudava ele a remar e ele ia tarrafiar pra pegar isca e iscar o anzol, mas hoje ele está doente e não pesca mais não(...)então eu corro atrás da minha pescadinha, movimento meus peixinhos e fico no rio até 7 horas, 8 horas porque eu tenho medo de voltar no escuro pra casa.Às vezes aparece um pescador de tarrafa, de rede e aí eu fico tranqüila, mas é muito triste não ter ninguém pra conversar, aí eu me pego com Deus, agradeço a Ele pelos peixinho que me deu e vou embora”. (Conceição, 52 anos, pescadora profissional)*

*“No tempo que eu morava com minha mãe eu trabalhava na roça(..)depois que nós casamos eu comecei a pescar...é foi meu marido que me ensinou porque de vez em quando não tinha ninguém para ajudar ele, então eu ia. Aí eu decidi tirar minha carteira porque daí as coisas ficam mais fáceis e nós dois descia com a carteira (...)hoje eu virei parceira dele, eu tomo conta do remo e ele fica soltando a rede. (...)” (Maria das Neves, 52 anos, pescadora profissional)*

## **As representações do meio ambiente:**

De um modo geral, os pescadores representam o meio ambiente de forma naturalista, antropocêntrica e relacional, conforme as categorias pensadas por Reigota (1997) e da Matta (1994). Representam de forma naturalista quando, em suas falas, o ser humano aparece nas relações de forma dissonante: é aquele que depreda, que, se não acaba, faz com que os recursos naturais, a água, o peixe "diminua, fique arisco". Para os pescadores, o homem é o responsável pela destruição da natureza.

*“Eu lavava muita roupa no rio, banhava no rio e até hoje a gente busca água no rio pra beber e coloca no filtro(...) porque a gente morava na ilha e tinha muita fartura lá, mas o rio tomou conta da ilha toda e a gente teve que sair de lá e a gente achou ruim demais (...) mas é que foi por causa desses homens que trouxe a barragem(...) (D. Francisca, 92 anos, esposa de pescador)*

Outro ponto que pode ser observado nas falas, apontando para essa visão naturalista, é a natureza vista como se tivesse vontade própria, e quando não se respeita essa vontade, vêm às conseqüências. É comum na fala dos pescadores eles dizerem que amam a natureza, pois sem ela não teriam, luz, sol, chuva, calor e, conseqüentemente, amam o rio porque que sem ele não poderiam viver e que tem muito medo daquele local acabar.

*“(...) e a gente é muito feliz com o rio porque ele nos deixa achar o alimento que tem dentro dele pra gente sobreviver (...), mas o rio está morrendo, o peixe ta pouco (...) você viu o quanto de surubim morreu nesse rio ?(...) temos que fazer alguma coisa porque eu adoro esse rio porque ele é o meu pão de cada dia” (Conceição, 52 anos, pescadora profissional)*

*(...)a gente sobrevive só da pesca e quando a pesca tá ruim eu vou contar pro cê é um sufoco, é ruim demais, então a gente sobrevive daquilo que tá guardado, das plantações e se um tem, troca com o outro, mas fome a gente não passa não. Eu gosto dos dois, só que mais do rio do que da casa porque eu me sinto mais feliz no rio porque a gente sente mais a vontade, fica pensando em só pescar os peixinhos. O rio é nosso pai e nossa mãe. (Maria, 46 anos, pescadora profissional)*

Representam na forma antropocêntrica quando concebem que, apenas aos pescadores que sobrevivem do rio, é lícito explorar seus recursos naturais. Nessa visão, os recursos naturais existem para suprir as necessidades do grupo, e se falam de preservação é porque a consideram como necessária à manutenção de sua subsistência. Esses recursos existem para satisfazer suas necessidades. Todo o esforço de conservação é compreendido como necessário justamente para garantir o sustento de suas famílias no futuro.

*“ Eu criei dez filhos a custa do rio. Tenho uma casa a custa do rio. Tenho lavoura também arrancado do lombo do peixe. A gente depende desse rio pra sobreviver, então tem que preservar né?.” (Antônio, 55 anos, pescador profissional)*

*“É do rio que a gente tira o sustento, então a gente tem que preservar ele, você tira água, você tira remédio, você tira tudo dele, então você tem que cuidar” (José, 61 anos, pescador profissional)*

*“Hoje tudo o que a gente conseguiu foi tirado da pesca, do rio (...) foi com dinheiro do peixe que eu consegui comprar meu material escolar, o uniforme e que eu consegui me formar. Por isso, temos que cuidar do que Deus deixou pra nós. Então o que eu tenho hoje, até minha profissão, foi o rio que me ajudou.” (Maria do Socorro, 42 anos, pescadora profissional)*

Há ainda a compreensão de que, criado por Deus, o rio sofre com os abusos das grandes empresas, que *desmatam as beiras dos rios até o trator cair dentro*. Por um desrespeito a essa criação divina, todos os homens vão pagar caro, com a escassez dos recursos.

“O futuro da pesca artesanal do jeito que está vai acabar porque a matança de peixe nesse rio está demais, principalmente, aqui no rio São Francisco porque é o rio que eu mais pesco. O São Francisco vai ficar como o rio das Velhas e eles nem podem comer o peixe de lá. Eu vejo o São Francisco dessa maneira se não preservar vai acabar. Vai chegar em um ponto que nem precisa nem proibir que não vai dar mais peixe, vai ser a própria natureza se vingando do homem .(..) porque eles acabam com tudo o que Deus deixou pra nós, que Ele criou. (...) é devido a essa porcaria toda que essas empresas jogam no rio, os pescador amador que pesca todo tipo de peixe e os fazendeiros que desmatam as margens do rio. E o pescador profissional que vive da pesca artesanal que vai sofrer com isso. (Manoel, 59 anos, pescador profissional)

A representação relacional proposta por Da Matta, que busca em Dumont a concepção de englobador/englobado, aparece quando as falas revelam que Deus, que a tudo engloba, não permitirá que os recursos se acabem e que, se hoje enfrentam algum problema para conseguir alimento, é porque esse mesmo Deus que tudo providenciou avisou que *quanto mais pro fim do século aí que fica difícil*".

No entanto, se conseguem perceber os abusos cometidos por outros, dificilmente assumem as suas próprias ações de depredação. Estão sempre prontos a dizer que sabe quem estraga as matas, quem desmata, quem caça, quem suja o rio. Mas, não se percebem, no cotidiano de suas ações, agindo também com desrespeito aos recursos naturais. Mas é interessante notar que apesar de determinadas práticas, essa população luta contra aqueles que buscam a satisfação de suas necessidades econômicas extraindo a flora e a fauna e que não têm nenhum vínculo com o local.

“A pesca está dando muito prejuízo pra gente aqui por causa desses pescador amador que tem rancho na margem do rio e vem pra cá pescar. (..)a pesca deles é o seguinte: eles escolhem a lua através daquele calendário que mostra a lua boa e a lua má e aí eles escolhem a lua boa e enquanto tiver saindo peixe do rio eles ficam lá pescando e enchendo congelador, enchendo caixa e tudo o que cai no anzol ele pescam. Esses tempo eu vi eles pegando um douradinho, mas quando eu fui falar com ele eu vi que ele estava com um saco de douradinho e aí eu falei: Oh doutor solta isso tudo. E ele respondeu: - se

eu soltar ele o outro pega, então porque eu vou soltar?. Então eu respondi:- .o senhor tá certo doutor, vai assaltar o Banco do Brasil porque se o senhor não assaltar tem outro que assalta. Eu nunca mais vi ele aqui não, se foi por causa disso eu não sei, mas se foi eu dou graças a Deus porque é até bom ele não ter vindo aqui pra nossa região, pro São Francisco, ele que vai pescar em outra banda” (Raimundo, 62 anos, pescador profissional)

Nesse sentido, a diferença de gênero com a preservação e o cuidado do rio é perceptível na fala dos (as) pescadores (as).

*“Se tem um peixinho enganchado na rede a mulher vai lá e tira com cuidado pra não morrer, mas o homem não(...).tem uns que se preocupam com a limpeza do rio,mas os outros não. Mas eu acho que um sozinho no meio de mil pessoas não dá conta não, mas eu faço a minha parte. (...) porque os homens são mais descaprichosos, não preocupam com nada, tudo tá bom, então é coisa da mulher que é caprichosa, quer ver as coisas limpa. Então ela vê que no rio tem que limpar que nem na casa” (Anita, 42 anos, pescadora profissional)*

*“ a mulher pescadora tem mais zelo com o rio sim porque a minha quando a gente vai pescar, se ela ver uma garrafa boiando no rio, ela quer ir lá, pegar e colocar no barco. (...) a gente não se preocupa muito com isso, as vezes pega e as vezes não.” (Antônio, 35 anos, pescador profissional)*

E, nessa luta, ainda contam com as crenças da cultura local.

*“Não é um medo total, mas um respeito que eu tenho pela água. Eu sou pescador profissional e há mais de 30 anos que eu pesco neste rio. Eu nunca tive um acidente nesse rio porque toda vida tive respeito pelo rio. A pessoa que não respeita sofre as conseqüências (...) ah, de ter o barco virado pelo caboclo d’água (...) porque o compadre não gosta de quem zomba dele, de quem suja onde ele mora (...) ah, vou te contar a estória: O caboclo d’água tem 1,5 metros de altura. Ele é todo cabeludo. Parece um macaco mesmo. Só que a cabeça dele parece uma cuia. Não tem um fio de cabelo na cabeça. A simpatia que a gente tem com o caboclo d’água é o seguinte. A gente leva para ele uma pinga e um fumo. É o fumo de rolo que a gente compra, mais ou menos umas 200 gramas e põe lá em uma pedra, ou em cima de um toco, ou no barranco e oferece para o compadre. No outro dia, que a gente vai lá buscar, não está porque ele já pegou. Então*

*ele fica muito agradecido com aquilo e recompensa que ele dá para a gente é o peixe que ele pega e põe no anzol para a gente(...) eu acredito sim porque tudo o que tem na terra tem na água né”. ( José, 67 anos, pescador profissional).*

*Ah menina eu já vi fui duas vezes já (...).ele é tipo uma pessoa, só que se a gente maltratar ele, ele joga no rio. Mas como a gente convive no rio ele já conhece a gente, então ele não faz nada pra gente (...).são vários, mas eu já vi dois. Ele é cabeçudo, pequeno, não tem cabelo, só que ele não fala com a gente.(...).eu vi ele de dia...um dia a gente estava pescando na época em que desce muitos troncos no rio e ele estava lá brincando em cima dos troncos.Ele apareceu porque a gente é acostumado no rio e ele já está acostumado com a gente. Se as outras pessoas maltratar ele, se chegar gente de fora ele não aceita, .a pessoa morre (...).não é ele quem mata não, mas é que a pessoa não conhece o rio e pensa que não tem nada e vai entrando, entrando e desaparece....aconteceu muito aqui em Ibiaí. Gente que vem pra cá, de outro lugar, tomar banho no rio, pescar e não voltou mais nunca, ninguém achou e é por causa do encanto da água, do compadre d’água. Ele não faz nada com a gente que é pescador e até ele ajuda a gente quando a pesca tá ruim, mas você tem que dar alguma coisinha pra ele, uma garrafa de pinga, um pedaço de fumo e aí você coloca na beira do rio pra ele ajudar a gente na pescaria. Quando a gente não põe ele atrapalha a pesca porque eles ficam esperando e se a gente não coloca ele atrapalha.(Domingas, 48 anos, pescadora profissional)*

*“A pescadora tem que freqüentar o rio, mas tem que ter cuidado, não falar besteira, tem que respeitar. Eu mesmo já soltei rosas brancas com laço de fita vermelha no rio pra Iemanjá pra me proteger porque ela é a rainha do rio, ela protege o pescador, mas para o caboclo d’ água eu nunca ofereci nada não. Mas mãe conta que o caboclo respeita o pescador, mas o pescador tem que respeitar ele. Eu acredito, mas acredito mais em Iemanjá porque ela sempre me ajudou, sempre que a pescaria tá ruim ela me ajuda. (Leonice, 21 anos, pescadora profissional)*

## Considerações finais

Esse trabalho, por estar em andamento será inevitavelmente incompleto, mas ao meu ver sugere que tais estudos são importantes e podem nos mostrar direções inusitadas no estudo de gênero e meio ambiente. No entanto vem ressaltar que apesar de diversos

estudos sociológicos e antropológicos se referirem à pesca como uma atividade masculina, cresce a participação de mulheres nas tarefas que envolvem a produção pesqueira e nos espaços a ela relacionados. Contudo, mesmo que elas trabalhem em conjunto com seus maridos ou até mesmo sozinhas se percebendo como sujeitas e se identificando como trabalhadoras, elas nem sempre são reconhecidas como tais. Este preconceito não deriva somente de seus maridos e de parte da população local, homens e mulheres, mas também das instituições relacionadas à atividade que acabam reproduzindo uma visão essencialista e paternalista.

Talvez este seja um novo momento em que se deve pensar novas transformações nas relações de gênero, admitindo a importância produtiva das mulheres, dando-lhes voz e poder de decisão junto aos homens, para que se possa construir uma nova sustentabilidade.

Apesar da transformação do mundo do trabalho, o consumo individual e a reprodução biológica ainda se dão na família. Wortmann (1976) diz que a produção econômica camponesa sem o apoio da mão de obra familiar torna-se inviável. No campo, a família volta à condição de unidade produtiva. O mundo do trabalho, no campo, também é o mundo familiar, com as características de ser coletivo, livre, nele as decisões são coletivas, nele tem-se a satisfação das necessidades individuais de prazer. É também espaço de realização da vida comunitária. Os trabalhos da mulher e infantil estão inseridos na lógica da produção familiar. No caso dos pescadores do alto-médio São Francisco, percebe-se isso com relação a qualquer atividade, sejam realizadas por mulheres, homens ou crianças, estejam relacionadas à pesca ou à roça - todos os serviços dependem do esforço conjunto.

No entanto, essa participação é vista como uma alternativa para as famílias de pescadores frente ao acelerado processo de pauperização das mesmas que antes contavam apenas com o trabalho masculino e hoje depende da ajuda da mulher para complementar a renda familiar. Em que pese sua real importância neste sentido, é preciso levar em conta as múltiplas tarefas desempenhadas, exclusivamente pela mulher pescadora, pois ainda são elas que realizam as atividades ligadas aos espaços domésticos, circunscritos fundamentalmente a casa, da educação dos filhos e ao quintal. Ademais, muito do que fazem não se destina ao mercado e não é visto, portanto, como trabalho, mesmo quando

se trata de tarefas que permitem aos homens pescar: cozinhar, tecer ou remendar armadilhas de pesca para o marido e filhos, fazer café, limpar os peixes, etc.

Contudo, fazendo uma analogia entre a casa e a rua<sup>5</sup>, (Da Matta, 1983) hoje, a mulher pescadora que antes ficava restrita a esfera privada – a casa -, encontra no rio - o seu espaço nas lutas em prol do meio ambiente à sua inserção no mundo público e não ao fato de serem elas essencialmente ligadas à natureza.

Assim, precisamos considerar que o fato delas estarem presentes no rio, mesmo que em pouca quantidade, já é um fator de mudança. A pesca pode ser vista como uma oportunidade para que as mulheres ocupem um espaço que antes não era permitido a elas.

A participação da mulher no trabalho da pesca é um processo de desenvolvimento de novas relações a longo prazo. Elas passam a participar de feiras, cursos de capacitação técnica, discussões políticas e isso proporciona o crescimento pessoal, onde elas começam a descobrir sua capacidade também para a esfera pública.

## Referência Bibliográfica

DA MATTA, R. (1994). *Conta de Mentiroso. Sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco.

DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Quarta edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

DE GRANDI, Alessandra B. 1999. **Relações de Gênero nas Famílias Agricultoras Associadas a Mini – Usinas de Leite no Estado de Santa Catarina**. Dissertação de Mestrado em Sociologia Política/UFSC, Fpolis;

FRANCO, M. P. (1997). "Histórias de Ivanilde no Alto Juruá". Cadernos

---

<sup>5</sup> A casa, segundo Da Matta, é o domínio da condição de pessoa: nome, afeto, controle, relações hierárquicas. Já a rua Rua é o domínio da condição de indivíduo: Nome e sobrenome, carteira de identidade, cidadão; relação de igualdade legal.

Pagu. Unicamp. São Paulo.

HUBBARD, R. *Algumas idéias sobre a masculinidade nas ciências naturais*. In O Pensamento feminista e a estrutura do conhecimento. Brasília: Edunb,

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (1999). “*A Imagem nas Ciências Sociais do Brasil: um balanço crítico*”. (pp.49-63) In:Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais (BIB), nº 47, 1º semestre. RJ. ANPOCS

LAGO. M. C. S. (1983). Memória de uma comunidade que se transforma: de

localidade agrícola-pesqueira a balneário. Dissertação de Mestrado.

Universidade Federal de Santa Catarina.

\_\_\_\_\_ (1996), Modos de vida e identidade. Sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: EdUFSC.

MALUF, S. (1993). Encontros Noturnos. Bruxas e bruxarias da Lagoa da

Conceição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

PETRERE, Jr, Miguel. “*As comunidades humanas ribeirinha da Amazônia e suas transformações sociais*”. In DIEGUES, A, C (orgs) Populações humanas, rios e mares da Amazônia. Coletânea de trabalhos apresentado no IV Encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil. SP, 1990

REIGOTA, M. (1997). Meio Ambiente e representação social. São Paulo: Cortez

RIAL, C. S. (1988). Mar-de-dentro: a transformação do espaço social na Lagoa da Conceição. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SILVA, Maria. A. M. (2002). A cultura na esteira do tempo. São Paulo em Perspectiva. Fundação Seade, v.15,n.3, jul/set/ 2002, 0.102-112

VALÊNCIO, Norma (2001). “*Condições de vida e trabalho do pescador profissional artesanal de água doce do alto-médio São Francisco*”. Relatório final da parte sócio-econômica do projeto “Bases para a conservação e restauração dos recursos pesqueiros do alto-médio São Francisco”.

WELTER, T. (1999). Revisitando a Comunidade Cafuza a partir da problemática de gênero. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Florianópolis.

WOLFF, C. (1998). Marias, Franciscas e Raimundas: uma História de Mulheres da Floresta Alto Juruá, Acre 1870 - 1945. Tese de Doutorado. São Paulo. USP.

WOLFF, C. S. (1999). Mulheres da Floresta: uma história Alto Juruá, Acre (1890 - 1945). São Paulo: Hucitec.

WORTMANN, K. (1976). "Planejamento familiar entre camponeses e na Pobreza urbana no Brasil". In: Anuário Antropológico nº 2. Brasília: UNB

WORTMANN, E. F. (1996). "Família, mulher e meio ambiente no Seringal". XX

Reunião da ANPOCS. Universidade de Brasília.

## ANEXO 2

### PROGRAMAÇÃO RESUMIDA

PROGRAMAÇÃO DO I SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
ENFOQUES FEMINISTAS E O SÉCULO XXI: FEMINISMO E UNIVERSIDADE NA  
AMÉRICA LATINA

#### COORDENAÇÃO GERAL

Profa. Dra. Marlise Matos - Coordenadora da RedeFem, (NEPEM – FAFICH – UFMG);  
Profa. Dra. Ana Alice Costa – Coordenação da REDOR (NEIM/FFCH/UFBa )  
Profa. Dra. Cecília Maria Sardenberg – coordenadora do NEIM (NEIM/FFCH/UFBa)

#### Comissão Organizadora

Profa. Dra. Neuma Aguiar (Departamento de Sociologia e Antropologia – FAFICH – UFMG);  
Profa. Dra. Constância Lima Duarte (Faculdade de Letras – UFMG)  
Profa. Dra. Silvia Lucia Ferreira (GEM/Escola de Enfermagem/UFBa)  
Profa. Dra Ivía Alves (NEIM/Instituto de Letras/UFBa)

#### Primeiro dia – 06 de dezembro

08- 09:30 - Inscrições e credenciamento  
09:45 – 10:30 - Sessão Solene de Abertura  
10:30- 10:45 - Intervalo  
10:45- 12:30- Mesa Redonda: “ Repensando as REDES”  
Coordenação: Silvia Lúcia Ferreira (NEIM/UFBA)  
Cecília Sardenberg (REDOR)  
Marilise Matos (REDEFEM)  
Glorea Careaga (RED Latino Americana)  
14:30 –16:30 – Mesa Redonda: O Feminismo e Foucault

|                                                           |                     |         |
|-----------------------------------------------------------|---------------------|---------|
| Foucault, as subjetividades e as heterotopias feministas. | Margareth Rago      | UNICAMP |
| O Feminismos e Michael Foucault : afinidades eletivas?    | Lucila Scavone      | UNESP   |
| Diálogos dos Feminismos com Michael Foucault              | Tania Navarro Swain | UNB     |

19:00- Lançamento de livros

20:30- Assembléia geral da REDOR

## **Segundo-dia: 07 de dezembro**

08:30- 10:30 – Apresentação de trabalhos em GTs

13:30- 10:45- Intervalo

10:45-12:30- Apresentação de trabalhos em GTs

14:30-16:30- Mesa Redonda: “ Contribuições do feminismo para o mundo do trabalho”

Coordenação Magda neves

Paola Capelin (UFRJ)

Clara Araújo (UFF)

Mary Goldsmith (UAM- México)

Hildete Melo (UFF)

16:30- 16:45- Intervalo

16:45- 18:45 – Mesa Redonda: “ Programa de Pós-graduação”

Coordenação: Enilda Rosendo (GEM-UFBA)

Lígia Arana Garcia (UCA- Nicarágua)

Ana Lau (UAM- México)

Mercedes Prieto (FLACSO – Equador)

Maria Elvia Blanco (UNC- Colômbia)

Rosa Mercedes Cardenas (UC- Equador)

Silvia Lúcia Ferreira (PPGNEIM/ UFBA)

20:30- Assembléia geral da Red Latino americana

## **Terceiro dia- 08 de dezembro**

08:30- 10:30 – Apresentação de trabalhos em GTs

13:30- 10:45- Intervalo

10:45-12:30- Apresentação de trabalhos em GTs

14:30-16:30- Mesa Redonda: “ Contribuições do feminismo para o enfrentamento da violência”

Coordenação: Ana Alice Costa (NEIM- UFBA)

Lourdes Bandeira (UNB)

Montserrat Sagot (UCR- Costa Rica)

Concha Villanueva ( Universidad Complutense de Madrid- Espanha)

Norma Vassalo (Universidad de Havana- Cuba)

16:30- 16:45- Intervalo

16:45- 18:45 – Mesa Redonda: “Revistas Feministas”

Coordenação: Tânia Navarro Swain (Labrys –UNB)

Cecília Laguna (Revista La Albaja)

Joana Maria Pedro (Revista Estudos Feministas)

Suely Gomes Costa (Revista Gênero)

Iara Beleti (Cadernos Pagu)

Cecília Olivares (Debates Feministas – México)

20:30- Assembléia geral da REDEFEM

## **Quarto dia - 09 de dezembro**

08:30- 10:30 – Apresentação de trabalhos em GTs

13:30- 10:45- Intervalo

10:45-12:30- Apresentação de trabalhos em GTs

14:30-16:30- Mesa Redonda: “Gênero e diversidade: os desafios para o feminismo”

Coordenação: Maria Luzia Miranda Alvarez (UFBA)

Pámela Calla (Univ. de La Frontera- Bolívia)

Vera Soares (UNIFEM)

Jorge Lyra (Instituto PAPAI)

Gloreia Careaga (UNAM- México)

16:30- 16:45- Intervalo

16:45- 18:45 – Mesa Redonda: “Desafios do feminismo acadêmico”

Coordenação: Cecília Sardenberg (REDOR)

Ana Alice Costa (NEIM- UFBA)

Sonia Alvarez (Univ. Massachussets –USA)

Magdalena Leon (FLACSO- Colômbia)

19:00 – Sessão Solene de Encerramento: Homenagem da Comissão da Mulher da

Assembléia Legislativa da Bahia ao NEIM

Coordenação: Deputada Sonia Fontes – presidente da comissão especial da mulher